

TENTATIVA DE RESGATAR A PLENITUDE DA VIDA

(Uma leitura do conto *Feliz Aniversário* de Clarice Lispector)

Elvya Shirley R. Pereira
Prof. do Departamento
de Letras e Artes

RESUMO –Essa leitura do conto *Feliz Aniversário*, de Clarice Lispector, visa mostrar, através da estrutura interna do mesmo, a situação do homem moderno, protagonista de uma realidade fragmentada. A consolidação dos sistemas de produção em massa e da divisão do trabalho está na base dessa fragmentação do homem, levando-o a um estado de reificação e de alienação dos seus verdadeiros valores em função da “mais valia”. As relações humanas reificadas são apreendidas por Clarice neste conto: porém, à margem das estereis relações familiares, vislumbramos a figura de Cordélia, ponto de luz e resistência: personagem inadaptada ao mundo repetitivo e reificado.

ABSTRACT – The reading of the short story “*Feliz Aniversário*” by Clarice Lispector aims at showing, through, its internal structure, the situation of modern men who are protagonists of a fragmented reality. The consolidation of systems of production in mass and of the division of work is on the basis of man’s fragmentation that leads him on to a state of reification and alienation of his true values. Reified human relationships are apprehended by Clarice in that short story: but aside from unprolific familiar relationships we catch a glimpse of Cordelia’s appearance, a spot of light and resistance: She is a character unadapted to the repetitive and reified world.

SEGURANDO O FIO

O homem moderno: perspectiva do caos, perda da integridade, esfacelamento das relações pelos sistemas de produção em massa para o mercado. Vida fragmentada, mas que ainda pode ser resgatada por um tênue fio. E é esse fio condutor da consciência, da integridade, da plenitude da vida que Clarice Lispector tenta segurar em *Feliz Aniversário*, mesmo considerando seu estado emaranhado. O ritual transformado em linguagem quebra-se várias vezes – “E Cordélia?”. A Narrativa se fragmenta, impregna-se de sugestões, impressões. Sendo assim, só resta ao leitor mergulhar em indagações, no caos e junto com a autora segurar o fio – “E Cordélia?”.

Feliz Aniversário enfoca um típico quadro burguês, no qual as desgastadas relações familiares são mantidas simplesmente como uma obrigação social: um expediente, uma encenação, um ritual. Pessoas aprisionadas pelos estereis laços de família.

A FESTA, O RITUAL

“A família foi pouco a pouco chegando”, pois os vínculos sociais, mesmo de-

teriorados, precisam ser mantidos para que não se ameace a continuidade de um sistema falido, minado: sua falência significaria a falência de todos – “A nora de Olaria apareceu... o marido não veio por razões óbvias: não queria ver os irmãos. Mas mandara sua mulher para que nem todos os laços fossem cortados”.

As personagens escondem-se atrás de máscaras, afinal, estão no primeiro ato, qualquer atitude verdadeira poderá afetar a encenação – “... a nora de Ipanema na fila oposta das cadeiras fingindo ocupar-se com o bebê para não encarar a concunhada de Olaria”.

Mas o ritual começara bem mais cedo – “Zilda, a dona da casa... Para adiantar o expediente, enfeitara a mesa logo depois do almoço”. A expressão “para adiantar o expediente” aparece mais de uma vez em relação a Zilda, demonstrando o sentido prático, mecânico das ações da personagem.

O uso obsessivo da conjunção “e” reforça a atmosfera de ritual, cada gesto, cada ação devidamente programados, obedecendo a uma seqüência. Vale ressaltar que na atmosfera do conto o “e” perde, de certa forma, a sua capacidade de adição. As personagens, com suas respectivas ações, não se somam, não se completam: o que prevalece é o desencontro. Todos aprisionados em seus pequenos e contraditórios mundos:

“E para adiantar o expediente”

“E mal eles se beijavam”

“E quando a mesa estava imunda”

“Então acenderam a vela. E então José”

“E quando foram ver”

“E por assim dizer a festa estava terminada”.

E com essa frase encerra-se o primeiro ato do ritual. A partir daí ocorrem revelações, pontos de tensão. Reforçando: permanece o ritual, as personagens já estão por demais estereotipadas, despersonalizadas, o caminho de volta à integridade, ao primitivo está perdido, a não ser que...Cordélia! “E Cordélia?”.

A REIFICAÇÃO

O processo de perda irreversível do primitivo, dos instintos humanos, desemboca num estado geral de reificação (exceto Cordélia).

As personagens femininas (com exceção de Cordélia, a nora mais nova, e Zilda, a única mulher entre os seis irmãos) e os netos (exceto Rodrigo, filho de Jonga e Cordélia) não possuem nomes e aparecem na narrativa subordinados à sua condição social, ou até mesmo a aspectos físicos: “a nora de Olaria”, “a nora de Ipanema”, “a neta baixinha e roliça”.

A reificação se faz mais forte em D. Anita, que teve seu nome pronunciado uma única vez e por uma pessoa não parente; para os membros da família, ela representa a “peça central” de uma engrenagem emperrada, mas que precisa ser conservada para que se garanta a sustentação do sistema. Os familiares mal se suportam, porém os laços não devem ser cortados definitivamente: manutenção de um

sistema alienado e ideologicamente dominante; D. Anita, a avó, a mãe, o bolo (ela era o bolo) segura estes laços.

A impressão que nos fica é que todos os anos, D. Anita, no dia do seu aniversário, é retirada de um armário onde esteve esquecida – “E, para adiantar o expediente, vestira a aniversariante logo depois do almoço... borrifara-lhe um pouco de colônia para disfarçar seu cheiro de guardado”. Como objeto qualquer ela faz parte do expediente de Zilda: arrumar as cadeiras, espalhar os balões, dispor o bolo na mesa, sentar a velha à cabeceira – Ela e o bolo, ela era igual ao bolo: objeto símbolo da festa...

“Tratava-se de uma velha grande, magra, imponente e morena”;

“A aniversariante olhava o bolo apagado, grande e seco”.

A fusão mãe/bolo se faz mais forte no decorrer da narrativa:

“O bolo inteiro – ela era a mãe”;

“O bolo desabado – ela era a mãe”.

A inércia e a inconsciência da velha só existem para os filhos. Ela “parecia oca”, diz a voz que narra; essa frase, o piscar de olhos (atitude de repulsa àquela situação hipócrita e àqueles “seres opacos”, “frutos azedos” que não souberam honrar o tronco originário) são indicativos da sua consciência; apenas, para ela a vida era um fato consumado: “E de súbito a velha pegou a faca. E sem hesitação... deu a primeira talhada com punho de assassina” (“ela era igual ao bolo”):

“E Cordélia?”. Só Cordélia, com seu segredo, poderia salvar-se. “Cadê Rodrigo? Rodrigo... aquele seria um homem”.

Cuspir no chão, pedir o vinho, xingar os parentes – demonstrações de repulsa. E ela, a matriz, a mãe de tudo e de todos. E a reação contraditória, típica da sociedade burguesa capitalista que não aceita a falência do seu sistema de valores – “Uns comunistas, era o que eram: uns comunistas”.

E as noras – “todas com as orelhas cheias de brinco – nenhum, nenhum de ouro”. O valor material e de troca dos objetos marcando as relações sociais, reificando-as – Zilda, amarga e irônica, indigna-se com a falta de aplicação prática dos presentes recebidos pela aniversariante:

“... nada, nada que a dona da casa pudesse aproveitar para si mesma ou para os filhos, nada que a própria aniversariante pudesse realmente aproveitar constituindo assim uma economia”.

CAMINHANDO PARA UM DESFECHO

Como foi dito anteriormente, as ações, os gestos das personagens, no conto, obedecem a um verdadeiro ritual. Temos um primeiro ato marcado pela aparente limpidez e integridade dos objetos: toalha limpa, copos limpos, bolo inteiro, velha inteira.

Bolo/velha desabados: fim do primeiro ato. Toalha manchada, copos sujos e a repulsa da velha: ponto de tensão que conduz à perplexidade de todos, inclusive “da nora de Olaria” que “tivera o seu primeiro momento uníssono com os outros”.

“E por assim dizer, de novo a festa estava terminada”.

A partir daí, o conto começa a caminhar para um desfecho – “As pessoas ficaram benevolentes”, “outras vazias e espectantes” – era necessário encerrar o ritual, o expediente, pois as pessoas estavam cansadas, envelhecidas: “o crepúsculo de Copacabana, sem cessar penetrava pela janela como um peso” – natureza denunciante do estado psicológico das personagens.

E o discurso? “Jonga é quem fazia o discurso”. José, agora na qualidade de filho mais velho faria o discurso – “Que não vinha. Que não vinha. Que não vinha”. José, assim como os outros estava seco. Não havia o que dizer.

E de repente veio a frase:

– “Até o ano que vem!” – A frase feita, a frase certa! Aprovada maliciosamente por todos, inclusive pela velha: eles não teriam que se suportar novamente até o próximo ano; porém, os laços familiares, o sistema minado, corroído, deveriam ser mantidos. E esclarece o filho Manoel:

“No ano que vem nos veremos diante do bolo aceso!” (da mãe viva).

Momento maior de distensão: “na tranquilidade da rua fresca”, longe do abafado ambiente familiar, eles se vêem um pouco melhor. Pela primeira vez reparam em José – “Ele estava era gordo” – leve insinuação de reencontro de cada um consigo mesmo e com os outros; porém, sabiam que apenas os deteriorados “laços de família” os mantinham juntos, aprisionados. Faltava “aquela palavra a mais” – o caminho de volta estava perdido:

“Era um instante que pedia para ser vivo. Mas que era morto”.

“Enquanto isso, lá em cima” a velha retorna ao seu mundo recôndito, ao cotidiano, e o insólito encerra a narrativa: “Será que hoje não vai ter janta, meditava ela”.

E CORDÉLIA?

Personagem algumas vezes sugerida, mas que constitui um ponto intrigante da narrativa e que conduz a um estranhamento – “Cordélia olhava ausente”. Ela não se enquadra naquela família. Personagem inadaptada àquela situação alienante e por isso permanece distante do ritual, alheia a tudo: “vamos! todos de uma vez!... começaram a cantar alto como soldados. Despertada pelas vozes, Cordélia olhou esbafo-rada”.

As referências a essa personagem são facho de luz dentro do conto. Momentos raros, rápidos, mas irreversíveis. Cordélia ainda pode segurar o fio condutor da vida, da consciência, que o empobrecimento e o embrutecimento da vida moderna tiraram do homem, fazendo-o mergulhar no caos, na alienação, no repetitivo.

“E Cordélia? Cordélia olhava ausente com um sorriso estonteado, suportando o seu segredo.” Que segredo? Cordélia e sua culpa (a iluminação e a culpa: elementos indissociáveis nas personagens de Clarice Lispector que vislumbram outro mundo – o não cotidiano, o despadronizado, o primitivo, onde prevalece o princípio do prazer). E qual seria a sua culpa? O não enquadramento? Sua capacidade de espanto

diante das atitudes da velha e dos outros parentes? O apelo à vida e à velhice?

Cordélia! A única que vislumbra uma safra do processo de reificação – “É preciso que se saiba. Que a vida é curta. Que a vida é curta... Porém nenhuma vez mais repetiu. Porque a verdade era um relance.”

Nessa personagem estaria sintetizado o resgate da plenitude da vida. E para que essa plenitude seja alcançada faz-se necessário desconstruir, desaprender os padrões lógicos de um sistema alienante e buscar um mundo pré-lógico.

O DESLOCAMENTO DAS ESTRUTURAS

Neste conto, a prosa de Clarice rompe com a perspectiva linear, simplesmente referencial de tempo e espaço. Ambos nascem agora no interior das personagens e assumem as proporções, as formas do seu estado psicológico, que molda e faz brotar as ideologias e vice-versa (o jogo entre os dois estados é constante: psicológico $\Leftrightarrow$ ideológico).

O tempo é o da fragmentação do mundo, das pessoas, da linguagem. Tempo das relações esfaceladas, da vitória do material e do capital – tempo da reificação: a nora de Olaria e seu melhor vestido, babá ociosa e uniformizada, “Happy Birthday”, os netos do Colégio Bennett, os presentes inúteis.

As relações apodrecidas daquela família burguesa nos transportam para um mundo abafado, parco de vida e de atitudes verdadeiras: cadeiras dispostas ao longo das paredes; nora de Olaria e nora de Ipanema sentadas uma defronte à outra; Manoel, os negócios e o olhar da esposa; o bolo na mesa; a velha à cabeceira – espaço interno tenso e constrangedor – personagens desencontradas.

“Pisado o último degrau... e a tranquilidade da rua fresca” – espaço aberto: personagens distensas, *leves* insinuações de vida. Agora, só Cordélia possa talvez alcançar a *plenitude*.

O foco narrativo se desloca constantemente no conto. Narrador e personagem(ns) assumem, dividem entre si a narração. Às vezes, fica difícil saber quem narra – narrador ou personagem? “Mas ninguém elogiou a idéia da Zilda... ninguém se lembrando de que ninguém havia contribuído...”

E agora quem narra? narrador ou personagens? “... incrível insistir em morar num prediozinho..., e na ação do despejo Zilda ainda dar trabalho e querer empurrar a velha para as noras”.

Assim, a narrativa se faz refletida nesse jogo profuso de espelhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CORTÁZAR, Júlio. Alguns aspectos do conto e do conto breve e seus arredores. In: *Valise de Cronópio*. Trad. de Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. Perspectiva, São Paulo, 1974. p. 147-63 e 227-37.
- GOTLIB, Nádia Battella. *Teoria do Conto*. Ática, São Paulo, 1985. 95p.
- LISPECTOR, Clarice. Feliz Aniversário. In: *O Conto Brasileiro Contemporâneo*. Org. Alfredo Bosi: Cultrix, São Paulo, 1975. p. 226-35.
- PAZ, Octávio. Os signos em rotação. In: *O Arco e a Lira*. Trad. Olga Savary. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1982. p.309-48.